



BREVE HISTÓRIA DA LITERATURA NO BRASIL REPUBLICANO

*modernistas e
pós-modernistas*

Esley Rodrigues de Jesus Teixeira*

Além do futurismo europeu que destruiu a obrigatoriedade da padronização dos versos e incutiu diversas mudanças na poesia pré-modernista, o cubismo que começou em 1907 pôs em xeque a realidade e a linearidade do universo. No Brasil, a literatura cubista apresentou-se como uma vertente do ilogismo, do anti-intelectualismo e do humor.

Invariavelmente, a ideologia marxista teve grande influência na desconstrução do mundo e das artes. O início do século testemunhou um franco aumento da atividade tanto de grupos comunistas como de imperialistas. O prelúdio da 1ª Guerra Mundial aflorou estas lutas, com revoluções em vários países da Europa. No Brasil, o tenentismo e a coluna Prestes dariam ensejo à Revolução de 1930.

Após a guerra, o expressionismo pregaria maior liberdade à criação da arte e da literatura, sendo ela um reflexo do interior do artista, que usa uma conjugação da realidade interna e externa para criar sua realidade. O mundo pós-guerra traria a literatura expressionista como um movimento de catarse com relação às perdas socioeconômicas, com um claro combate ao mundo de então, dominado pelo capital e a burguesia do sistema econômico; textos picados,



desorganizados e sem musicalidade ou rimas; e uma linguagem por vezes formada apenas por frases nominais, sem ações.

Veremos neste breve texto como o modernismo e o pós-modernismo adaptaram-se à realidade brasileira, criando um estilo próprio que ligou a poesia à realidade do cidadão brasileiro.

OS MODERNISTAS

Outro movimento que sobressaiu ao fim da 1ª Guerra Mundial foi o dadaísmo, a antiarte que, na literatura, foi refletida pela desordem, desequilíbrio e a escrita automática. Dele derivou o surrealismo, que no Brasil teve representantes de peso como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Murilo Mendes e Jorge de Lima. Os surrealistas, como os dadaístas, acreditavam em expressar o interior, sem ordem ou ligações lógicas.

O modernismo, portanto, foi uma grande amálgama de todos estes gêneros, simbolizando uma ruptura com o consagrado estilo brasileiro que, desde o Império, criava-se como coisa autóctone. Também é um reflexo da globalização e do pensamento de Monteiro Lobato sobre a subordinação artística brasileira àquela cultivada em solo europeu. No Brasil, dividiu-se em duas fases bem distintas, coincidindo com a evolução política brasileira: a primeira de 1922 (Semana de Arte Moderna e centenário da Independência) até 1930 (Revolução Getulista), e a segunda de 1930 a 1945 (fim do Estado Novo e término da 2ª Guerra Mundial).

A primeira fase foi caracterizada por forte apelo ao retorno à poesia propriamente brasileira, que desse luzes às tradições culturais e que retirasse o estigma de povo inferior e colonizado. Oswald de Andrade lançou o Movimento Pau Brasil (1924), que pregava a produção de literatura baseada na cultura e na história do Brasil. Em oposição a esta visão, surgiu em São Paulo o Movimento Verde Amarelo (1927), capitaneado por expoentes como Menotti del Picchia, Plínio Salgado, Guilherme de Almeida e

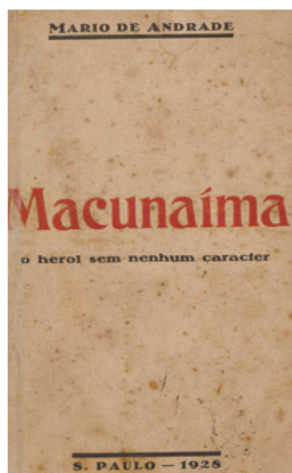
Cassiano Ricardo. Um desses, Plínio Salgado, chefe do integralismo, pregava a formação de uma nova cultura, nacionalista, que enaltecesse (e por vezes escondesse) a realidade e a cultura brasileira. A tréplica viria com a criação, por Tarsila do Amaral, Raul Bopp e Oswald de Andrade, do Movimento Antropofágico (1928) que, sem negar a cultura estrangeira como faziam os verde-amarelistas, propunham seu aproveitamento, sem a perda da base cultural e histórica brasileira.

Oswald de Andrade, maior expoente desta época, utilizaria largamente o estilo modernista em suas poesias: linguagem cotidiana e versos cortados e fragmentários. Como principais obras literárias estão *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924) e *Serafim Ponte Grande* (1933). Também atuaria no teatro com *O rei da Vela* (1933) e *A Morta* (1937). Outro grande escritor modernista foi Mário de Andrade, escritor de *Macunaíma* (1928), obra-prima da primeira fase do modernismo brasileiro.



Capa de exemplar do livro *Pau Brasil*, de Oswald de Andrade

Fonte: BBM digital



Mário de Andrade e a capa do primeiro exemplar de sua obra *Macunaíma*

Fonte: BN Digital

Juntam-se a estes Manuel Bandeira, que ajudou na solidificação do modernismo no Brasil, massificando o verso livre, o humor irreverente, a liberdade que destrói e cria literatura. Destacam-se em suas obras *Pasárgada* e *Infância*. Alcântara Machado foi outro expoente do movimento modernista, incluindo o espaço suburbano de São Paulo dentro da poesia brasileira.

A partir de 1930, os escritores modernistas passam a assumir uma postura mais crítica das condições sociais do povo brasileiro. Reflexo dos acontecimentos que ocorriam no mundo (quebra da Bolsa de Nova Iorque e ascensão do nazifascismo e início e fim da 2ª Guerra Mundial) e no Brasil (Intentona Comunista, Estado Novo e combate ao comunismo), a segunda onda modernista exigiu que os artistas e escritores assumissem posições políticas, quebrando um paradigma na vida artística nacional. O engajamento político dos escritores ficou bastante claro nas obras de Jorge Amado e Murilo Mendes. *A Bagaceira* (1928) de José Américo e *O Quinze* (1930) e *João Miguel* (1937) de Rachel de Queiroz (primeira mulher a ser admitida na Academia Brasileira de Letras) chamam atenção pela descrição das agruras da seca e das dificuldades do sertão nordestino.

Rachel teve um momento de bastante atuação política, chegando a ser presa pelo governo Vargas. Escreveu romances de clara matiz ideológica como *Caminho das Pedras* (1937) e *As Três Marias* (1939), em que fez críticas ao regime, incluindo, também, uma análise psicológica dos personagens, dando-lhes cores mais humanas.

O cangaço, o sebastianismo e fanatismo religioso e o coronelismo seriam explorados por Graciliano Ramos em *Vidas Secas* (1938). Érico Veríssimo abordaria o regionalismo gaúcho com *O tempo e o vento*. Assumindo postura alinhada a de Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos acabaria preso em 1936 na Ilha Grande, de onde escreveria *Memórias do Cárcere*, obra que aborda a realidade brasileira do período, sobretudo o atraso cultural e político que tem lugar no governo de Getúlio Vargas. José Lins do Rêgo engrossa as fileiras dos grandes escritores desta época, desenhando a sociedade



Rachel de Queiroz e a Casa do Junco no sertão do Ceará, onde escreveu *O Quinze*

Fonte: BN Digital

nordestina, particularmente a vida nos engenhos de açúcar (*Menino de Engenho*, *Usina*) e no cangaço (*Pedra Seca* e *Cangaceiros*).

Jorge Amado também faz parte desta profícua leva de escritores modernistas. Ativamente ligado à política, foi, como os demais, preso. Decidiu-se por viver na Argentina e, voltando ao final do Regime Vargas, foi eleito Deputado Federal, mas teve o mandato cassado. Fugiu do País, residindo na França e na União Soviética, voltando em 1952, e em 1959 ingressou na Academia Brasileira de Letras. Jorge Amado foi um grande crítico social, que usou a literatura para denunciar a miséria, o atraso, o racismo e as condições subumanas por que passava boa parte do Brasil interiorano. Dentre suas obras, que já venderam mais de vinte milhões de cópias em 55 países, *Capitães da Areia* (1937) foi a que alcançou maior sucesso e notoriedade.

Nesta fase também é de relevo a figura de Carlos Drummond de Andrade, cuja obra literária de 56 anos é uma ode à cultura brasileira. Passou por distintos períodos, que podem ser definidos como de isolamento (*Alguma Poesia*-1930 e *Brejo das Almas*-1934), social (*Sentimento do Mundo*-1940, *José*-1942 e *Rosa do Povo*-1945), negação (*Claro Enigma*-1951) e memória. Trouxe Drummond o pensamento filosófico, a crítica existencial, a profunda visão de mundo e do lugar do homem como transformador de sua realidade.



**Vinícius
de Moraes**



Cecília Meireles

Por último, mas não menos importante, gestou o modernismo as figuras de Cecília Meireles e Vinícius de Moraes. Cecília publicaria sua primeira obra em 1919, aos dezoito anos de idade (*Espectros*), onde deixava latentes claras mostras do simbolismo e misticismo. A literata não se apegava a críticas políticas e sociais, mantendo o viés íntimo, de natureza analítica da psique humana, provavelmente fruto de suas experiências pessoais (a morte dos pais ainda criança, o

suicídio do marido, a solidão e silêncio que a rodeavam).

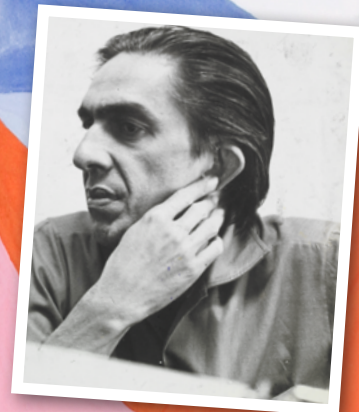
Já Vinícius, oriundo de uma família de intelectuais, também se tornaria um profícuo estudante de Letras, em que se formou em 1929, e Direito, formado em 1933. Ingressou no serviço público (departamento de Censura Cinematográfica) e diplomacia. Interessou-se desde pequeno às obras escritas e musicais, com algumas já compostas aos quinze anos de idade. Toda sua poesia é ligada, como a de Cecília, a um aprofundamento das causas e razões existenciais. Com forte veio religioso, Vinícius de Moraes tem um ponto de inflexão para o materialismo com a publicação, em 1943, de *Cinco Elogios*. Passam a fazer parte de sua obra o erotismo, a linguagem coloquial e a descrição do cotidiano como em *O Operário em construção* e *Garota de Ipanema*.

PÓS-MODERNISTAS

Com o fim do Governo Vargas e as turbulências políticas e sociais por que passou o Brasil entre os anos 1945 e 1990, a literatura pouco avançou para mudança estilística, tornando-se um emaranhado de estilos passados. O que se observa é uma grande preocupação com a busca por uma estética mais apurada, voltando os escritores a cultivar a palavra ao invés da crítica social e do aprofundamento filosófico. João Cabral de Melo Neto se destacaria nesta vertente.

Clarice Lispector publicou seu primeiro romance *Perto do Coração Selvagem* em 1944, aos dezessete anos, introduzindo novas técnicas narrativas, sem levar em conta a linha cronológica, o largo uso de metáforas e antíteses. Também introduziu o fluxo de consciência, um estilo que, ao invés de seguir a cartilha modernista de análise psicológica dos personagens, abre a mente do protagonista para o perene aprendido. Também deu luz ao processo epifânico, os eventos que desencadeiam grandes sugestões na narrativa como um encontro, uma paisagem ou um choro. Apesar de apresentar uma obra com análises universais e fugir de regionalismo, Clarice publica em 1977 *A Hora da Estrela*, romance que aborda a vida de uma migrante nordestina no Rio de Janeiro.

Outro nome desta fase de nossa literatura é Guimarães Rosa, cujo veio literário utilizou na ressurreição do regionalismo, adotando uma nova característica: a musicalidade e idiossincrasia sintática da região abordada na obra. Apesar de regionalista, as obras roseanas permitem



Os pós-modernistas Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e Ferreira Gullar

ao leitor ver-se como regional, independentemente de onde esteja, transformando o regional em universal. A riqueza vocabular de Guimarães Rosa abre o entendimento do brasileiro (e do cidadão global) para a riqueza da língua portuguesa, dadas as vicissitudes de cada região.

João Cabral de Melo Neto também se junta aos escritores desta época, e, como os demais, procura atingir a perfeição na linguagem. Além disso, avultam os apontamentos da realidade do povo nordestino e suburbano. Foi o primeiro a dotar a poesia de uma forma mais concreta, fruto de estudos e de dedicação à forma e ao conteúdo, que devem revelar-se mutuamente. Seguindo o exemplo de João Cabral de Melo Neto, o movimento concretista apregoa a necessidade de se ter poesias “sem a necessidade de haver poetas”, ou seja, a poesia é algo que independe do que há no interior e no exterior do escritor. Utiliza-se para isso uma miríade de ferramentas como construções com o texto, aliterações, recursos sonoros e diferentes tamanhos e formas/fontes para os caracteres da obra. Daí surgiria o neoconcretismo, vertente que tende a exacerbar a utilização de diversos recursos na construção dos escritos.

O concretismo teria um refluxo nas obras de Ferreira Gullar, que retomou a tradição dos círculos literários das críticas e apontamentos a temas de interesse da população como a Guerra Fria, a Guerra nas Estrelas, a corrida armamentista e nuclear. A partir de 1964, durante o Regime Militar, Ferreira Gullar teria uma ativa vida de críticas ao governo, forçando-se o exílio em Buenos Aires, de onde escreveria seus textos contra o Regime.

Nas décadas de 1970-1980, vigorou no Brasil um estilo espontâneo de literatura, que não ob-

servava sinais de zelo estético ou análises profundas do panorama sócio-político nacional ou internacional. Não houve, como nos anos passados, a formação de um movimento linguístico próprio.

CONCLUSÃO

Atualmente, uma gama de escritores e poetas atestam a ainda viva produção literária brasileira. Muitos utilizando-se da musicalidade, e alguns poucos no esforço de ressuscitar a herança de Assis, Drummond e Rosa. Hoje o tema abordado pelos literatos está muito mais voltado à existência cotidiana e à realidade social brasileira.

Neste sentido, a crônica assume um papel muito importante, caindo no gosto do grande público e com representantes de renome como Jô Soares, Luís Fernando Veríssimo e Walcyr Carrasco. A novelização das crônicas e a grande capilaridade dos meios televisivos permitiu forte popularização deste gênero literário. A poesia ganhou grande impulso com a disseminação de músicas, sendo muitos dos poetas hoje ativos músicos também, como o acadêmico Gilberto Gil.

Mesmo assim, o aumento da verticalização da literatura por parte dos meios de comunicação não necessariamente reflete a maior capilarização da literatura na sociedade brasileira. Tudo indica que as dificuldades sociais, a crítica política e mudanças econômicas continuarão a ser abordadas pelos escritores do século 21, bem como o engajamento social de suas obras, o que é esperado em um país que preza pela liberdade de expressão e ideais democráticos. ■

* Capitão de Corveta (FN), integrante do Círculo Literário do Clube Naval